

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## FICHA

1) Referência – MARQUES, Cecília de Castro; CZERMAK, Rejane. O olhar da psicologia no abrigo: uma cartografia. Revista Psicologia e Sociedade, São Leopoldo, v.20, n.3, p.360-366, 2008.

2) Resumo e Palavras-Chave – O presente trabalho investiga os modos de subjetivação em um núcleo de abrigos residenciais de proteção à infância e adolescência do Estado do Rio Grande do Sul, buscando perceber as possibilidades de atuação da psicologia que propiciem a expansão da vida dos abrigados de modo singular e criativo. A cartografia foi utilizada como método de investigação, e assim traçou-se um mapa que contempla as instâncias individuais, coletivas e institucionais envolvidas na constituição desse território. Encontramos atravessamentos da lógica disciplinar que tende a produzir sujeitos massificados junto à exacerbação dos fenômenos contemporâneos de enfraquecimento de laços, enfraquecimento da função simbólica e enfraquecimento da reflexão tanto individual quanto coletiva, acompanhados de manifestações de violência. Perante essa realidade, as práticas de grupo mostraram-se uma estratégia potente por possibilitarem aos sujeitos a expressão coletiva de suas questões como uma alternativa a soluções individualizantes.

Palavras-Chave: crianças; adolescentes; abrigo; grupos.

3) Objetivo do estudo – Neste estudo buscamos conhecer os modos de subjetivação em um núcleo de abrigos residenciais (NAR) destinado a crianças e adolescentes protegidos pelo Estado do Rio Grande do Sul, buscando perceber as possibilidades de atuação da psicologia que propiciem a expansão da vida dos abrigados de modo singular e criativo.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – em um primeiro momento foi realizado um levantamento de produção acadêmica sobre a questão da institucionalização dos coletivos, desde a modernidade e na passagem para a pós-modernidade, contemplando os processos de subjetivação presentes nessa passagem, de modo a obter uma compreensão das diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se compõem nesses espaços.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico - A produção subjetiva foi considerada da perspectiva da multiplicidade, entendendo-se que sua produção não é prioritariamente nem individual, nem coletiva ou institucional (Guattari, 1992), mas que a subjetividade se desenvolve para além do indivíduo, fazendo-se coletiva e coextensiva à produção do campo social num dado contexto histórico. Utilizamos a cartografia como método de investigação, traçando um mapa do local, onde são apontados os entraves e as possibilidades de mudança, bem como as estratégias que a psicologia pode adotar. Utiliza os estudos de Foucault para definição de Instituições Totais e Instituições de controle. Foucault, Deleuze e Guattari quanto à produção de subjetividade. Cartografia como método de pesquisa foi embasado em Rolnik (1989).

8) Resultados / dados produzidos – Percebeu-se, através dos analisadores, o quanto o coletivo NAR expressa uma crise que se manifesta nas relações humanas, condizente com o cenário contemporâneo de minimização da reflexão, tanto individual quanto compartilhada. Para as autoras, os grupos são potente estratégia da psicologia, desenvolvendo-se espaços de reflexão compartilhada e de construção coletiva.

9) Recomendações – As autoras pontuam sobre a importância de tratar as demandas clínicas não exclusivamente como sintomas particulares das crianças e dos adolescentes que existem no cruzamento de linhas (disciplinares, identitárias, massificantes, desterritorializantes, entre outras) e sim como seres ativos que, com o trabalho clínico, tanto individual quanto ampliado para o grupo, podem se tornar artesãos de suas vidas, o que implicará também reinvenção do ambiente em que vivem.

10) Observações e destaques – As autoras acreditam que, mesmo no cenário contemporâneo de enfraquecimento dos laços e das instituições, o abrigo pode ser um espaço de ancoragem psicossocial onde as crianças e os adolescentes poderiam desenvolver-se, protegidos após os sofrimentos vividos em suas casas de origem. Para tanto, os trabalhadores precisam estar envolvidos na construção constante de uma instituição que não fique apenas a meio caminho entre a escola, a rua e a família de origem, mas que se ofereça como lugar de acolhimento, como um lar que pode vir a ser inventado.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.